

Aldeia Polidoro: refúgio charrua em Porto Alegre¹

Eric Machado RAUPP²

Karine Moura VIEIRA³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

A etnia charrua representa, de acordo com a Secretaria Especial da Saúde Indígena do Rio Grande do Sul (SESAI), 0,2% da população de índios no Estado. Outrora um povo numeroso, cujo contingente populacional é impossível mensurar, os charruas estão hoje espalhados pelas cidades de Santo Ângelo, São Borja, São Miguel das Missões e Porto Alegre. Nesse contexto, a reportagem televisiva *Aldeia Polidoro: refúgio charrua em Porto Alegre*, elaborada durante a disciplina Produção e Edição de TV I do terceiro semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, aborda a realidade dos charruas que vivem na capital gaúcha, externando a organização social na qual estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia Polidoro; índios charrua; reportagem; telejornalismo.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo tem em sua gênese a responsabilidade de proporcionar a compreensão dos fatos que acontecem simultaneamente nas diferentes esferas sociais, embasando-se na garantia dos direitos humanos e no princípio de igualdade. Espaço democrático, os meios de comunicação responsabilizam-se por multiplicar os atores sociais e pluralizar a expressão cultural de cada indivíduo. Hacket e Carroll (2008) argumentam que uma das diretrizes do jornalismo é a promoção da garantia ao acesso às vozes das minorias e a questões distanciadas ou esquecidas pela mídia hegemônica.

Nesse âmbito midiático, entretanto, observa-se a deterioração do viés social da profissão pelos interesses de políticos e de grupos detentores do poder econômico (TRAQUINA, 2001). São indícios de desequilíbrio da comunicação, enquanto função social, “o escamoteio ou a distorção de informações; pautas motivadas por interesses particulares não revelados; [...] a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar,

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na categoria Jornalismo, modalidade JO 10 - Reportagem em Telejornalismo.

² Estudante do quinto semestre do curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: eric.raupp@acad.espm.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: karine.vieira@espm.br

denúncias que favorecem ou prejudicam alguém” (CHAPARRO, 2007, p. 134). Quando isso ocorre, a construção e o aperfeiçoamento de uma sociedade livre são extraviados.

Entre as personagens marginalizadas pela cobertura jornalística, encontram-se os índios. Existem mais de duzentas etnias reconhecidas no Brasil, mas a visibilidade que conseguem obter acerca de seu sistema de valores é pequena. "Questões como saúde, educação, ciência, terra e cultura indígenas não são enfocadas ou são tratadas segundo o senso comum formado sobre o índio, conceitos concebidos a partir da ideologia da classe dominante” (MELO, 2003, p. 5).

No Rio Grande do Sul, em 2011, as tribos indígenas somavam 20.534 indivíduos, dos quais 90,6% eram kaingang, 9,2% eram guarani, e apenas 0,2% era charrua. O último grupo está estabelecido nos municípios de São Miguel das Missões, Santo Ângelo, São Borja e Porto Alegre. Na capital gaúcha, encontra-se na aldeia Polidoro, nome escolhido em homenagem a um célebre cacique homônimo. A primeira mulher Cacique Geral do povo charrua no Estado, Acuab, vive no local com onze famílias. Ela nasceu em São Miguel das Missões, onde viveu até os oito anos de idade; e com a morte dos pais mudou-se com os irmãos para a periferia de Porto Alegre.

A partir desse cenário, a equipe de reportagem, formada pelo estudante Eric Machado Raupp, pelo cinegrafista Vlademir Canella e pela professora orientadora Karine Moura Vieira, visitou o local e imergiu na vida de seus habitantes. O encontro entre indígenas e “homens brancos” – como a cacique se referia ao grupo – resultou na reportagem *Aldeia Polidoro: refúgio charrua em Porto Alegre*. O produto buscou retomara história charrua e proporcionar aos espectadores um conhecimento sobre a forma de viver da comunidade.

2 OBJETIVO

A disciplina Produção e Edição de TV I tem como objetivo proporcionar aos alunos a completa vivência da rotina televisiva, a fim de que eles conheçam todas as etapas de produção, gravação e edição de conteúdo. Para que isso fosse possível, a grade da aula foi dividida em dois momentos. No primeiro, cada estudante produziu sua própria reportagem, desde a escolha e defesa da pauta até a edição e fechamento da matéria. Na segunda, após a finalização, os alunos produziram um telejornal com o material obtido, no intuito de desenvolver a linguagem televisiva.

O objetivo da reportagem foi mostrar a rotina e a organização dos indígenas charrua que habitam a Aldeia Polidoro, visando enfatizar o índio, uma vez que sua presença no jornalismo é esporádica. Ele só se torna pauta em questões específicas, por exemplo, quando é autor de violência ou vítima desta, ou quando é explorado como uma figura exótica. Assim, buscou-se dar voz aos próprios índios, para que eles pudessem se tornar os próprios intérpretes de suas histórias e pensamentos, sem que houvesse institucionalização do discurso.

Para isso, foram apresentados personagens-chave da comunidade, pois, como afirmam Sodré e Ferrari (1986), há diversas formas de narrar uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Desta forma, buscou-se, através do relato desses cidadãos, apresentar a realidade na qual estão inseridos, colocando-os como centro da pauta: inteiramente ouvidos, de maneira despida de quaisquer julgamentos.

3 JUSTIFICATIVA

A presença de índios no Rio Grande do Sul está vinculada à história do Estado, originalmente habitado por grupos indígenas caçadores-coletores-pescadores (KERN, 1998). Segundo o autor, esses grupos eram oriundos da região andina e foram se instalando gradativamente nas paisagens atlânticas da bacia do rio da Prata e nos pampas do Estado. Gradativamente, foram formando e moldando o que hoje conhecemos como cultura e território gaúcho.

Uma das tribos existentes era a dos charruas, a qual começou a entrar em declínio populacional ao longo do processo de colonização, “devido a doenças e constantes conflitos com os colonizadores que tomavam as suas terras, não admitiam o modo de vida pescador-caçador-coletor e os obrigavam a servi-los de acordo com os padrões ibéricos” (GARCIA, MILDNER, 2012, p. 45). Durante o século XIX, acreditou-se que o povo tivesse sido exterminado no massacre de Salsipuedes e que os sobreviventes teriam sido sistematicamente assassinados na cidade uruguaia de Bella Unión (BECKER, 2002).

Entretanto, um grupo foi reconhecido, em 2007, no Rio Grande do Sul como categoria étnica – isto é, por possuir características genéticas e valores internos semelhantes a um grupo em comparação, neste caso, os charruas – pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Conforme Acuab, em entrevista ainda no processo de pré-produção da reportagem, seus antepassados sobreviveram de caça e coleta na região das Missões do Rio

Grande do Sul e os que hoje cultivam a tradição charrua são descendentes daqueles que fugiram de Bella Unión.

Ainda que a cultura indígena faça parte, direta ou indiretamente, do nosso cotidiano, ela pode parecer um assunto muito específico à primeira vista. Esse fator de distanciamento se intensifica com a falta de espaço na mídia que índios enfrentam, o que contribui para a estereotipação de sua imagem como um povo considerado selvagem, “que se apresenta a nós, “ocidentais” e “civilizados”, como exóticos em sua língua, seus trajes, seus costumes” (GRÜNEWALD, 1999, p. 137). Eles podem ser vistos nas ruas do centro, em praças e parques, em diferentes ruas do centro de Porto Alegre, mas o local de onde vêm é desconhecido: não se sabe se trabalham ou como se organizam socialmente.

Nesse contexto, surgiu a vontade de investigar o modo de viver dos charruas. Escolheu-se tal etnia por ela ser a que apresenta o menor contingente populacional no Rio Grande do Sul. Dessa forma, realizar o registro jornalístico do povo charrua é, também, uma maneira de preservar sua identidade e reforçar sua posição como indivíduos na sociedade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A televisão, por conjugar sinergicamente a imagem e a fala, consolidou-se ao longo da história da comunicação como um dos principais meios de disseminação da informação e de diferentes histórias. Neste meio, identificam-se três categorias: Telejornalismo, Educação e Entretenimento (REZENDE, 2010). Nos telejornais, definidos como subcategoria por natureza da categoria telejornalismo, “a reportagem é a mais complexa e mais completa forma de apresentação da notícia na televisão e tem texto, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados” (MACIEL, 1995, p. 60).

Uma das características da reportagem na televisão é a temporalidade do seu conteúdo jornalístico. “As reportagens tratam acontecimentos que acabam de se produzir e a propósito dos quais não se dispõe de muito tempo. Daí a dificuldade de manter uma abordagem crítica” (JESPERS, 1998, p.167). Isso muitas vezes gera um estigma de superficialidade, o que não permitiria grande apuração dos fatos e aprofundamento no conteúdo abordado. Dessa forma, objetivou-se um assunto que fosse atemporal, mas de relevância social. Para isso, foi trabalhado o conceito de critérios de noticiabilidade.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. (GOLDING; ELLIOT apud WOLF, 2003, p. 203).

Bond (1959) acredita na ideia de que um acontecimento deve conter vários elementos para despertar o interesse e a atenção do público e, quanto mais um ele exibe essas qualidades, maiores são suas chances de virar matéria. Entretanto, eventos corriqueiros e pequenas situações do cotidiano também podem chamar a atenção do público por representarem nuances da vida humana. Assim, valem a pena ser noticiados. E foi em uma destas situação que o estudante encontrou a base de sua reportagem: o aluno foi abordado por índios que vendiam artesanato em um semáforo fechado. Isso que gerou a curiosidade de investigar aquelas vidas e conhecê-las mais profundamente.

Após a definição da pauta, teve início o processo de construção da reportagem. A primeira etapa foi a pré-produção, na qual

são desenvolvidas as pesquisas necessárias para a composição do vídeo que devem incluir o levantamento de todas as informações disponíveis sobre o assunto focado: dados bibliográficos, pré-entrevistas, imagens de arquivo, visitas a campo, etc., o desenvolvimento do pré-roteiro (que permitirá a organização das ideias e dos resultados da investigação preliminar no formato de uma história) e o planejamento técnico da produção (OLIVEIRA; CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006, p.17).

Esta fase possibilita o conhecimento de fontes, personagens essenciais para a produção de uma reportagem. McCombs (2009, p.154) reconhece que as fontes de notícias “definem as regras para o modelo da agenda da mídia”, o que resulta na institucionalização do discurso no jornalismo, com o propósito de guiar os repórteres a reproduzirem os fatos de acordo com interesses econômicos. A partir desta preposição, a ideia central foi dar voz aos próprios índios, porque, quando são apresentados na mídia, “quem tem poder para fazer declarações e anúncios é a FUNAI, o Governo e a Igreja, reforçando o discurso oficial e retirando dos índios o direito de ocupar espaço na imprensa” (MELO, 2003, p. 10).

Para que isso fosse possível de acontecer, foram utilizados princípios da etnografia, uma vez que ela, enquanto método de pesquisa de trabalho de campo, considera os aspectos culturais e sociais dos indivíduos, a fim de obter uma descrição aprofundada das

personagens em questão. Travancas (2006, p. 4) explica que “a etnografia ‘exige um mergulho’ do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo”. De fato, houve grande preparação no período de um semestre; contudo, é evidente que não havia condições de se fazer uma etnografia completa, então partiu-se das bases da técnica, que se assemelham com o jornalismo, pois “consiste em uma tentativa de descrever a cultura, os valores, os hábitos, costumes e tradições de um grupo em determinado contexto social” (TEIXEIRA, 2010, p. 66).

No que tange a estrutura narrativa da reportagem, é importante mencionar que ela, de modo geral, constitui-se de *off*, passagem e sonora. O texto caracteriza-se pelo emprego de diversas linguagens que o conformam como um texto complexo e híbrido da contemporaneidade, com múltiplas interfaces (EMERIM, 2000). De acordo com Oliveira, Carmo-Roldão e Bazi (2006, p. 15), os “*off*s devem ser construídos depois da gravação das imagens (a partir de um roteiro de gravação) e com as recomendações das técnicas do texto de televisão”. Isso acontece porque o texto deve se unir harmonicamente com as imagens.

A etapa final do processo de elaboração diz respeito à edição do conteúdo. Sobre o áudio, é importante ressaltar que eles auxiliam na narrativa da história e, alinhados com os efeitos, realçam detalhes ao telespectador. Barbeiro e Lima (2002) destacam a relevância desta fase. “Editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda história, a edição precisa de uma sequência lógica” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.100).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem nasce de uma boa pauta. Assim, a primeira etapa da produção de *Aldeia Polidoro: refúgio Charrua em Porto Alegre* foi a escolha de um tema de relevância social e cultural. Optou-se por trabalhar com a questão indígena, como já enfatizado, pelo pouco espaço que as comunidades recebem nos veículos de comunicação. Após a decisão, contou-se a Assessoria Técnica para Povos Indígenas da Secretaria dos Direitos Humanos de Porto Alegre a fim de obter maiores informações sobre os índios que vivem em Porto Alegre. Em uma conversa via telefone com o assessor da instituição, foi explicado o objetivo da reportagem, e o jornalista sugeriu alguns *links* de estudos e pesquisas para serem utilizados como material de apoio. A partir disso, foi possível fazer o levantamento de dados históricos e organizar documentos que poderiam potencialmente contribuir para a realização do trabalho.

Na mesma ocasião, foi sugerido ao estudante que o trabalho fosse feito com os índios kaingang, porque, parafraseando o assessor, “são os mais amigáveis e os que mantêm melhores relações com a Secretaria”. A ideia não foi acatada, uma vez que seria o caminho mais fácil a ser seguido, e, analisando a relevância histórica e o contingente populacional atual, tomou-se a decisão de realizar o projeto com os charruas. Em uma busca pela *Internet*, foi encontrado um *blog* sobre dos índios em questão; ainda que desatualizado, ele fornecia um telefone de contato da cacica e demais autoridades do grupo.

Foram mais de vinte e cinco tentativas até o aluno conseguir falar com Acuab. Ao atender ao telefone, foi explicado que era um trabalho acadêmico e que não se tinha a intenção de comercializar o produto quando pronto; ela mostrou-se extremamente entusiasmada com a ideia. Depois de receber a aprovação para realização do trabalho e para entrar na área indígena, marcou-se uma data para visita (baseada no cronograma de aula, uma vez que cada aluno teria uma manhã dos dias letivos para a gravação) à Aldeia Polidoro e deu-se início à fase de pré-produção, com a leitura de documentos e artigos sobre a etnia charrua.

A equipe de reportagem se deslocou até a Estrada São Caetano, parada 38, número 2004, onde está localizada a Aldeia, no dia 13 de maio de 2014. O grupo ficou lá pelo período da manhã e início da tarde, tempo no qual o estudante realizou as entrevistas em profundidade e conheceu a tradição charrua. Na sequência, houve a etapa de decupagem do material captado e de produção dos *offs*. Os textos televisivos foram trabalhados de forma a deixá-los como uma espécie de voz de apoio, um elo entre as entrevistas, para que o mais importante pudesse ser ouvido por meio da fala das próprias personagens, no sentido de manter as interpretações e pontos de vistas

A última parte da construção foi a edição do conteúdo. Para isso, foi utilizada uma trilha com uma sonoridade suave, que pudesse demonstrar respeito com a história dos charruas, mas, ao mesmo tempo, não dar um teor sensacionalista à reportagem. A utilização de imagens foi pensada para haver uma troca de enquadramento e para que a mudança ocorresse durante a quebra das falas dos *offs*. Na mudança de *off* para entrevista, foi utilizado um efeito de *fade out* no vídeo, para que não houvesse um corte seco.

No final, utilizou-se um trecho no qual Acuab deixa uma mensagem na língua charrua. A reportagem, após ser finalizada, totalizou 3 minutos e 54 segundos e foi exibida no programa laboratorial *ESPM-News*, seguida de um comentário do repórter, e em uma edição do *Faixa Universitária*, da TV-COM. Também foi premiada com o troféu de bronze

na 9ª Noite de Prêmios ESPM, cerimônia que celebra os melhores trabalhos produzidos pelos acadêmicos da instituição.

6 CONSIDERAÇÕES

Uma das críticas ao modelo de ensino de jornalismo é o distanciamento entre a esfera teórica acadêmica e a realidade do mercado de trabalho. Dessa maneira, a produção da reportagem visou conjugar as técnicas e teorias estudadas em sala de aula à prática profissional. Essa união, calcificada pela aplicação das metodologias e pelo desempenho de diferentes funções dentro do processo jornalístico – desde produtor, passando pela figura do repórter e finalizando no editor –, proporcionou uma jornada de amadurecimento técnico e uma percepção crítica em relação à produção jornalística.

No que diz respeito às técnicas jornalísticas, a execução do projeto foi um importante exercício para aprimorá-las, porque todas as etapas de produção foram executadas, desde os desafios da fase de entrevistas – como o fato de muitas vezes não saber onde interromper as falas dos entrevistados, uma vez que Acuab demonstrou profundo interesse em contar a história do seu povo – até a edição do conteúdo. Isso contribui não somente para a evolução técnica, mas também para o amadurecimento da consciência profissional sobre tomada de escolha sobre quais imagens e sonoras utilizar. É válido, nesse sentido, a necessidade de um distanciamento com as fontes, mesmo que muitas vezes o repórter sinta-se comovido pelas histórias contadas.

A observação, enquanto prática de pesquisa de campo exige um investimento do observador na análise do próprio modo de olhar. Dessa forma, a reportagem gerou uma reflexão por parte do estudante acerca do tratamento que as minorias recebem na mídia brasileira. Isso contribui para que a população majoritária desconhece a realidade desses grupos. Isso trilha um caminho à conclusão de que o espaço midiático reproduz mantém um discurso marginalizado sobre grupos minoritários, sejam eles homossexuais, negros ou pertencentes a etnias indígenas.

A reportagem propõe, desta forma, reflexões relativas à percepção sobre a cultura do outro, à medida que, ao longo do trabalho, foi possível ter acesso a outros conhecimentos e histórias que conhecemos de forma estereotipadas. Não de ser mencionadas as expectativas sobre a fascinante possibilidade que o jornalismo oportuniza de contar histórias, muitas vezes próximas, mas ao mesmo tempo distantes. E é através da narração que a realização

dessa reportagem pode contribuir para a divulgação e valorização da cultura do povo charrua que, mesmo após seu reconhecimento, trabalha para reconquistar seu espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo R. de. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BECKER, Ítala Irene Basile. **Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo.** Rio de Janeiro: Agir, 1959.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo: Summus, 2007.

EMERIM, Cárilda Muvuca. **Ensaio sobre o texto televisivo.** São Leopoldo: Dissertação de Mestrado (PPGCC UNISINOS), 2000.

GARCIA, Anderson Marques; MILDNER, Saul Eduardo. **Convergências e divergências: aspectos das culturas indígenas Charrua e Minuano.** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Etnogênese e "regime de índio" na Serra do Umã. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org). **A viagem da volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena.** Rio de Janeiro, Contracapa, 1999.

JESPER, Jean-Jacques. **Jornalismo Televisivo.** Coimbra-Portugal: Minerva, 1998.

José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo:, 2010.

KERN, Arno. **Antecedentes indígenas.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão.** Porto Alegre: Sagra, 1995.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009

MELO, Patrícia Bandeira de. **O índio na mídia: discurso e representação.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **O espaço do documentário e da vídeoreportagem na televisão brasileira**: uma contribuição ao debate. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Gêneros no Telejornalismo**. In: MARQUES DE MELO, Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TEIXEIRA, Carlos Henrique. **As tessituras do movimento**: dança, tribalismo e imaginário no cotidiano de um grupo de alunos de uma escola pública de Araraquara. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2010.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (Orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.